



O PEITE DE CALDAS

André Pena Graña, doutor em Arqueologia e Historia Antiga, arqueólogo e historiador do Concelho de Narom e decano do Instituto Galego de Estudos Celtas, procura os traços dumha possível origem neolítica dos mitos de mulheres marinhas presentes em toda a Europa atlántica. Mitos que enlaçam diretamente, ademais, com as Mouras galaicas.

LÍNGUA NACIONAL

A colaboración entre as elites portuguesas e espanholas para estabelecerem melhor seus interesses não é cousa nova. Núñez Feijoo e Cavaco Silva só seguem a tradição histórica, deixam ao lado diferenças e enfatizam as semelhanças, neste caso, a língua portuguesa e a -suposta- defesa desta na Galiza.

CINEMA

A presença galega nom é alheia para o Festival Internacional de Documentários de Marselha, mas neste ano será extraordinária, com três cineastas desta terra a participarem em distintas secções.

A GALIZA NATURAL

A rocha matriz

João Aveledo

*Venho da Virgem da Barca,
venho de abalar a pedra.
Tamém venho de vos ver,
Santo Cristo de Fisterra.
(Cantiga tradicional)*

Isidro Parga Pondal, pai da geologia galega, dizia que a Galiza era "cantaria e xisto" e, com efeito, o Maciço Galaico-Duriense é predominantemente granítico, embora no centro e no oriente abundem também os xistos.

O granito, como o seu próprio nome indica, é uma rocha de textura granulosa composta, fundamentalmente, por três minerais: quartzo, mica e feldspato. De natureza ígnea, tem a sua origem no resfriamento de magma derretido no interior da Terra.

As paisagens graníticas caracterizam-se pola existência do chamado caos de blocos, rochas ciclópicas formadas como consequência da existência de diaclases (fraturas quase sem deslocamento). Exemplos notórios deste tipo de paisagens encontramos na Serra do Gistral (Muras), no Monte Pindo (Carnota), no Maciço Central Ourenzano, no Parque Transfronteiriço do Ju-

rês, na Serra de Montesinho (distrito de Bragança) ou na Serra D'Arga (distrito de Viana do Castelo).

Por sua vez nestas penedias podemos observar, como consequência de processos de degradação física e química, curiosas formas da modelagem granítica de pormenor como as pias (depressões superficiais onde se acumula a água da chuva), as cacholas ou tafoni (cavidades internas com janelas para o exterior que lembram crânios), as formas em pedestal ou em cogumelo e as pedras de abalar, também chamadas pedras bolideiras.

Estas autênticas esculturas naturais frequentemente estimularam a imaginação popular. No concelho de Aranga, mesmo ao pé da ermida de S. Vitorio, achamos a "Pegada de Roldão", duas pias unidas onde o povo quis ver a marca do pé do paladino do imperador Carlos Magno, supostamente, chegado a estas terras do Vale de Cambás para expulsar os "mouros" que viviam nas "medonhas" (mamoas).

A pedra de abalar mais famosa da Galiza é a da Virgem da Barca (Mugia). Em dezembro de 1978 rachou devido a um forte vendaval e embora tivesse sido restau-



rada em várias ocasiões, no dia de Reis de 2014 outro temporal acabou por fendê-la. Contam que a pedra bolia ou não com carácter premonitório e, assim, segundo o relato de Vicente Risco, deixou de abalar nos sete anos que durou uma guerra entre as Coroas de Castela e Portugal.

Desde a pré-história, as paragens graníticas têm inspirado nos seres humanos pensamentos transcendentais e mágicos. Este da Barca é um desses muitos santuários que remontam a sua origem a cultos megalíticos logo cristianizados. A igreja está rodeada de grandes rochas associadas a ritos ancestrais. Para além da Pedra de

Abalar, que, segundo a lenda, seria a barca da Santinha, encontramos a Pedra dos Quadris, a vela da barca, por baixo da qual passam os fiéis nove vezes à procura de remédio para as doenças de costas, rins e cabeça; e duas pedras mais, a do Temão, o leme da barca, e a Furna dos Namorados, onde os casais se prometem amor eterno.

Não longe de Mugia, Ptolomeu, no século II da nossa era, dava conta da existência de um altar para prestar culto ao Sol nalgum promontório da "Terra de Neira". Ara Solis que alguns situam no cabo Fisterra e outros no Pindo.

O granito tem condicionado a

arte e a cultura da Galiza e do Norte de Portugal. Dizia Pedraio "são de granito os paços, os templos românicos e as moradas camponesas. Na mesma escola de rude e antigo labor formaram-se os arquitetos geniais, os escultores do século XIII, e os canteiros atuais e de sempre". Para o senhor de Trasalva a fachada do Obradoiro constituía "a versão ordenada do caos da geologia galega".

Outro importante geógrafo, o português Orlando Ribeiro, atreveu-se mesmo a falar de uma "civilização do granito", a que teria prefigurado uma das "três principais entidades linguísticas e etnográficas da Península".



EM TEMPOS

PARA QUEM ERA O PEITE DE CALDAS? NÃO O PODES IMAGINAR

André Pena Graña

Pars pro toto o inventário post mortem dos objetos depositados no túmulo do cavaleiro, representa-se nas estelas funerárias atlânticas desde a Idade do Bronze -S. XIV a.C.- até o período Tardo Antigo, -século VII d. C.-, como sucede com o espelho e o peite para a Moura ou Mulher Marinha (Pena Graña), que num dia o escolheu na Trebopala para reinar; e, aguarda-o a sua morte em seu reino do Mar Moiral, ou Além para compartilhar com ele seu reino e seus tesouros. Mas esta tradição do peite e o espelho da Muller Marinha mantida nas heráldicas até hoje, quando nasceu? O áureo peite calcolítico de Caldas, permite ver sendo conservadores em chave de continuidade uma origem Neolítica.

Crenças que fizeram que a gente poderosa levasse consigo o melhor que tinha, o ouro, para o desfrutar no Além ou no interior da câmara, alimentam o interesse pelas mãmoas dos que não têm meios para subsistir. Começando a violação ao dia seguinte do enterro (Pena 1991) e repetindo-se ao longo de milénios, completaram o trabalho os construtores de lareiras para as casas dos camponeses granjeiros, levando as pedras ou chantas da câmara, -da canteira-, diziam.

O tesouro escondido de Caldas ilustra este costume documentado quando assinalando que a Terra dos Galegos é rica em ouro, prata, peles de animais selvagens e outras riquezas, diz (capítulo VII) o Códice Calixtino no S. XII, que sobretudo é muito rica em Tesouros dos Mouros, *gacis sarracenicis* ['sarracenos' é etimologia popular dos mouros considerando minaria o 'furar nas mãmoas', o abrir galerias no Além em termos de geografia mítica celtoatlântica para apanhar os tesouros das raças da Mourindade.

Assim as achamos todas violadas hoje. Outras causas, atividades roturadoras e 'mineiras' da Idade Meia, o saque sistemático da Idade Moderna, a concentração parcelária e os incontrolados desmontes do presente século ajudaram tam-



bém o desaparecimento de muitos períodos Megalítico, Calcolítico, Idade do Bronze e do Ferro- ficando a lembrança - como sorriso de Chesire cat- na toponímia de montes, vales e lugares.

Por último chega a paleta da arqueóloga ao túmulo excavado milhares de vezes. Sabe-se o conto? Bom. Não se sabe? Bom também: as ortopédicas chantas sustentadas no ar convertem nun *unicum* mundial o dólmen de Dombate - o New Grange Galaico-.

Estas atividades deixam nos *lacos antigos et mamolas* ('mãmoas'), dos diplomas seu cartão de apresentação o visible buraco de violação.

Em 1997 o indoeuropeista galego da Sorbona Eulogio Losada Badía, criador do IGEC, apresentou num congresso na Universidade da Bretanha Ocidental, Brest -as atas publicaram-se em formato livro, seus estudos sobre o signario tartésico, concluindo que por suas características fónicas se tratava, sem dúvida duma língua Celta. O livro, distribuído por França, Bretanha, Escócia e Irlanda, acordou o interesse dos linguístas especializados nos estudos celtas. Assim o Tartésico, Celta Antigo Comum, o Q-Celtic

Como tinha demonstrado Eulogio Losada Badía-, falado no Atlântico europeu, agora decifrado por J. T. Coch, o vocábulo *Laco/ Lago, Lagoa, Lago, Lagoela* e derivados, assinala que alude a uma mãmoa, ou a um túmulo, em celta antigo comum tartésico: *lo-koon*, significam 'tumba', 'monumento funerário', como o cisalpino *lokan* 'tumba', podendo provir do *indo-europeu **legh-* "jazer", sendo seu registo mais antigo a inscrição do Tasionos, galaico Nerio com um impressionante curriculum, pois não contente com dizer que ele é o primeiro ariano documentado da História (não se assustem, *ari* significa "nobre" - se os nazistas levantassem a cabeça!-, proclama também ser ele o primeiro herói celta, *excingos*, de Fisterra da Kaltia ou Galtia, isto é Galiza! O berço dos Celtas da Europa Atlântica.

Como curiosidade, o latim *lacus* -tumba, ou fosso com cinzas da incineração- tem também o sentido de buraco chamando-se *lacunar* o grande oco, a *magna lacuna*, no meio do teto pelo que caía a chuva no *impluvium* ou pequena piscina do pátio.

Hoje conhecemos a origem dos buracos de violação das mãmoas,

mas o imaginário dos países celtas pensava que estes buracos eram como túneis, comunicando nosso mundo dos vivos com o Além, pelos que saía a A[Moura]a assoalhar seu ouro para que conservasse o brilho. As miniaturas medievais representam-na com o cabelo solto, tocando a viola, sobre a mãmoa ou olhando-se no espelho e peiteando o dourado cabelo com um peite de ouro.

[A]Mor[ric]a, AMoura, e OMor[ic]o, OMouro -permitide-me assinalar a provável re-galeguização ou enxebrismo, por coincidir o vocábulo castelhano da coisa muslime-, é voz documentada (Pena) no tartésico. AMoura e OMouro -como mostramos faz anos, trassunto da tripla Mãe (*Mater, Matres*) seu *padres*, Deus trinitário celta habitam *Omurika* [*< *ou(p)omorika*], "O mundo baixo o mar", diferente do dos humanos: assinalando Koch a voz gala *Aremorica* a "Terra do Mar", cf. o 'maciço Armoricano da Bretanha'. *Are Mórica, Mar Moiral, Alén*, "Mundo baixo o mar ou terra".

Em chave PCP, Paradigma da Continuidade Paleolítica, desde a Idade do Bronze, a A/Moura do Atlântico Celta -alheia à sangren-

ta invasão muslime da Península - encarna a Soberania, a Deusa Mãe, de quem as linhagens proclamam descer mostrando-a as armarias como Mulher Marinha ou como Dama do Lago [caso dos Scott da Escócia, antepassados de Sir Walter Scott, e do primeiro de todos, João Marinho, ou dos nossos Lago].

"O primeiro foi ùu cavaleiro boo que houve nome dom Froiam, e era caçador e monteiro. E andando ùu dia em seu cavalo per riba do mar, a seu monte, achou ùa molher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele tres escudeiros seus, e ela, quando os sentio, quise-se acolher ao mar, e eles foram tanto empos ela, ataa que a filha-rom, ante que se acolhesse ao mar. E depois que a filhou aaqueles que a tomarom fe-a poer em ùa besta, e levou-a pera sa casa.

E ela era mui fermosa, e el fe-a bautizar, que lhe nom caia tanto nome nem uu como Marinha, porque saira do mar; e assi lhe pôs nome, e chamarom-lhe dona Marinha. E houve dela seus filhos, dos quaes ùu que houve nome Joram Froiaz Marinho.

E esta dona Marinha nom falava nemigalha. Dom Froiam ama-



A FOTO

Zelia Garcia

Construirmos esperança

Luz. Ar. Novas ilusões. Sair da tribo e atrever-se a pôr o corpo em comum com outras distintas e diversas. Experimentar novos jeitos de fazermos possível que todo mude, rachar muros e leiras, sem medo das decepções. Temos algo mais do que todo isto em jogo. Som as nossas vidas. E é que se nom podó voar esta nom é a minha revolução.



va-a muito e nunca lhe tantas coisas pode fazer que a podesse fazer falar. E ù dia mandou fazer mui gram fogueira em seu paaço, e ela viinha de fora, e trazia aquele seu filho consigo, que amava tanto como seu coração. E dom Froiam foi filhar aquele filho seu e dela, e fez que o queria enviar ao fogo. E ela, com raiva do filho, esforçou de braadar, e com o braado deitou pela boca ùa peça de carne, e dali adiante falou. E dom Froiam recebeo-a por molher e casou com ela.” [Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro, Lisboa]

O facto de que no século XII muitas das nossas damas de alcunha se chamassem Marinha, em honra à Mulher Marinha, mãe de João Marinho, primeiro representante na Europa do tema mal chamado Melusino, pretendendo evocar a bela história medieval galega da Mulher Marinha –a Moura Soberana - mostra que a legitimação da linhagem, e o conceito de Soberania ‘de direito divino’, era muito importante.

Se os galegos de Espanha e de Portugal desconhecemos a bela história medieval de Dona Marinha, que importa? A história legitimadora da linhagem galaica, ou celta, triunfou, convertida pelo poeta dinamarquês Hans Christian Andersen no conto da Serei-

nha. Fazendo o próprio, os franceses converteram em Melusina a Dona Marinha.

Por último resta-me só fazer uma consideração. Os garimpeiros da mourindade não tinham fa-

cil obter seu ouro, os *tomb raiders* galegos corriam muito perigo, temiam, um medo muito grande, a maldição da Moura. Algo [não sabemos que foi] lhes passou aos saqueadores duma grande necrópo-

lis ‘calcolítica’ (sic) em Caldas quando pondo a bom arrecado seu botim - calculado em 27 quilos de ouro- não puderam voltar por ele. Foram executados ao serem surpreendidos mãos na massa em alguma de suas correrias? Perderam a memória? Não sabemos. Ninguém voltou recolher o escondido.

Precisamente o pavor infundido aos violadores pela Moura - estavam mais seguros de sua existência que da paternidade dos filhos-, fazia-lhes extremar as precauções quando não succumbir a alucinações coletivas.

Vinha a significar roubar aos mouros, aos anaos e aos gigantes, evocando-os ou conjurando-os previamente lendo e deslendo livros, grimoiros e mágicas fórmulas, neutralizando-os para evitar que estes se enrabeçassem ao serem privados do seu ouro subterrâneo.

Nos violadores de mamoas galegos a remota ideia do casal com a [A]Moura ainda estava presente, desde a documentação medieval ao século XIX. MARTÍNEZ SALAZAR (1909: 218-9), percebendo o valor etnográfico dos depoimentos dados ante o juiz pelos garimpeiros violadores furtivos de túmulos preocupou-se de os transcrever:

Hilario Alonso havia achado ali uma mulher descabelada [isto é com o cabelo ao ar, não oculto pelo lenço] e vestida de rraxa parda [raso cor castanho, roupas custosas como convém a uma belíssima [A]Moura], e os cabelos soltos, e isto a bocanoite [...], e que trazia na mão uns poucos de cabelos [de ouro], e que lhe dixerá [disse] que qual lhe parecia [parecia] melhor, aquilo que ela trazia na mão ou ela; e que ele lhe respondesse que ela [...]: e então que ela lhe mandasse que fosse cabar [cavar] ao dito Otero [outeiro] da Mámoa de Segade e que acharia um tesouro [...]

Pese à esta rara e excepcional fealdade da [A]Moura [por ação da Igreja] –sempre, em todo tempo, se mostra no imaginário popular galego majestosa em seus modais, belíssima, leucoderma, de loiros cabelos, jovem, portando ricas joias e vestidos-, a pontual declaração destes ladrões de túmulos funerários galegos, conserva, inclusive reforçada, a memória do casal entre a Deusa Mãe e o herói morto.

Eram ladrões bons. Não como os maus de agora, que te roubam o carro, e te mandam cominatória carta te reclamando a roda de repostó. Anyway, *Gal-laecia Fulget!*





LÍNGUA NACIONAL

O prémio da cruz

Isabel Rei Samartim

Quando Obama, presidente dos EUA, recebeu em 2009 o prémio nobel da Paz, nem imaginávamos que em 2015 o ainda presidente autonómico Núñez Feijóo receberia um prémio pela defesa da língua portuguesa. O mérito outorgado pelo seu amigo, o ainda presidente de Portugal Aníbal Cavaco Silva, não seria possível sem a intervenção da sociedade civil galega que aprendeu a exigir às autoridades o reconhecimento internacional da sua língua e cultura. É graças aos atores dessa demanda social que os governantes saintes aproveitam agora seus últimos meses de gestão do público para subir alguns pontos o seu escasso haver popular.

Os conservadores peninsulares sempre souberam apoiar-se nos maus momentos. Salazar deixou tranquilo Franco e, em troca, Franco deixou tranquilo Salazar. O pacto de colaboração entre as elites portuguesas e espanholas para estabelecerem melhor seus interesses não é cousa nova. Nes-



se sentido, Núñez e Cavaco tão só seguem a tradição histórica, deixam ao lado quaisquer diferenças

afastadoras e enfatizam as semelhanças aproximadoras, neste caso, a língua portuguesa.

É que, como já foi dito, não estão os tempos para conservadorismos nem imobilismos. A direita

peninsular, sempre extrema, apoia-se mutuamente para as vacas fracas que se aproximam. Porque sabe que não vai poder esconder-se do olhar inteligente da cidadania quando ela tomar por assalto as instituições e as pôr ao serviço das pessoas. Quando soubermos a quantidade de dinheiro gastado inutilmente numa normalização linguística que não avança, mas sim retrocede. Quando comprovarmos as nuvens de fumo vendidas, como a da promoção da língua portuguesa, que nunca começou. Quando abolirmos a mentira da língua estrangeira, última pedra no caminho da reintegração. Então é que veremos os senhores Núñez e Cavaco, de cruz e coroa, desfarrapados e pitorescos, como soldados romanos após a emboscada gaulesa.

Se Obama, embarcado em várias guerras, olhou o horizonte com o seu prémio da paz, por que o nosso Feijóo não haveria de cravar também sua pupila no crepúsculo da cruz, feito mártir da língua portuguesa, homem esforçado que morre por deixar na nossa terra a ponderação dos grandes, a sensatez dos bem pensantes, a entrega dos bons e generosos, o canto do cisne num bocado de língua comum!

CINEMA

Tripla presença galega no FID Marseille

Xurxo Chirro

O Festival Internacional de Documentais de Marselha, mais conhecido como FID Marseille, é considerado, segundo a crítica internacional, o festival de documentários mais importante do mundo. Anualmente, esta cidade do Mediterrâneo acolhe umha das propostas mais arriscadas do panorama cinematográfico sen atender a nenhum tipo de constrangimentos. O FID é um evento que acusa a perspetiva da alma do festival, o seu diretor: Jean-Pierre Rehm. Ao longo das 25 edições realizadas até ao momento, este evento tornou-se num excelente caleidoscópio sobre os rumos que está a tomar esta forma fílmica.

O FID faz umha convocatória anual a que se achegam as propostas mais surpreendentes de

todo o mundo, e Rehm e a sua equipa som os encarregados de as seleccionar. Com a sua escolha, colocam no mapa as propostas mais singulares sem ter em conta a sua procedência e a sua escala. A este encontro na cidade francesa, assistem, nos primeiros dias de julho, programadores e críticos de todo o mundo para examinarem pormenorizadamente a grelha de programação. Um filme que é projetado em Marselha pode ter assegurada a sua repercussão mundial, já que pode ter umha mais que interessante vida polo circuito de festivais internacionais.

A presença do cinema galego nom é umha cousa estranha. O que se denomina Novo Cinema Galego empregou o FID Marseille como altifalante para se fazer visível e se legitimar. Polas suas salas de projeção passaram *Vikigland* de Xurxo Chirro em 2011,

Electro-class de Maria Ruído em 2012 e *Vida Extra* de Ramiro Ledo em 2014. Mas na edição do presente ano vai ocorrer um facto extraordinário: três cineastas galegos estarão presentes no FID. Por um lado, no FIDLAB, o encontro de financiamento, estaremos representados polo próximo projeto de Lois Patiño: *Tempo Vertical*. Na secção paralela, teremos a média-metragem de Alberto Lobelle *Día da Victoria*. E, finalmente, na competição à melhor ópera prima, teremos o *Jet Lag* de Eloy Domínguez Serén.

Esta confluência do Novo Cinema Galego dá muito que pensar. Por um lado, há que considerar que este tipo de cinematografia galega é umha das mais representadas polo qual tem suficientes parâmetros de risco, criatividade e qualidade. Provavelmente a cultura galega nunca suspeitou que encontraria nestes criadores os melhores

embaixadores para se tornar visível no mundo. E chegados a este ponto é necessário precisar se corresponde a esta potencialidade o escasso apoio que lhe dá a Junta da Galiza. Este Novo Cinema Galego puido existir graças às chamadas ajudas de talento. Mas em 2012 fôrom eliminadas e posteriormente voltárom muito diminuídas e alteradas na sua essência.

Com esta análise abre-se umha série de interrogantes a que os atuais responsáveis pola política audiovisual da AGADIC nom dam resposta. Por que nom se apoia decididamente o Novo Cinema Galego? Há algum impedimento para se pendurar as medalhas que este tipo de cinema consegue? Se avaliamos o apoio económico, os êxitos culturais e a repercussão internacional, por que nom se repensa o modelo de ajudas à produção cinematográfica? Se o Novo Cinema Galego

tem de estar continuamente a justificar a sua existência, por que nom fai o mesmo o cinema industrial galego? Que réditos culturais arrasta o cinema industrial galego? Onde existe maior internacionalização, nos êxitos do Novo Cinema Galego ou nas missões comerciais dos produtores?

Também é certo que este artigo nom existiria se nom ocorrer o êxito desta tripla presença galega em Marselha, mas nom cabe outra que, mais umha vez, exhibir musculatura e reclamar maior justiça com estes criadores que colocam a Galiza no mundo. De maneira paradoxal, nunca receberam umha Medalha Castelao pola projeção internacional que fam da cultura galega, mas o que nunca lhes poderá negar ninguém, nem os mais ufanos na matéria (que os há), é o lugar predominante que ocupam no decurso da história do cinema galego.